

## CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES DOS JOVENS NEGROS E GAYS NO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA PÚBLICA, NA PERIFERIA DE EMBU DAS ARTES – SP

**Nilton de Souza Bispo**

*Mestrando do Curso de Educação da Universidade Ibirapuera – SP;  
bispo.nilton@gmail.com:*

**Neide Cristina da Silva**

*Professora orientadora: Doutora em educação, Universidade Ibirapuera  
– SP; neidesilva87@hotmail.com*

### Resumo

Enquanto os gays brancos lutam por matrimônio e igualdade, a realidade para a maioria dos negros gays é lutar pela sobrevivência. Situação vivenciada nas escolas brasileiras, que não estão preparadas para a diversidade, contribuindo para invisibilidade ou escárnio das bichas pretas. Partindo dessa problemática, a presente pesquisa tem como objetivo estudar as masculinidades negras gays, a partir da história de vida dos jovens do ensino médio, na periferia da cidade de Embu das Artes – SP. Para tanto, fará uso de uma abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica e de campo, tendo como instrumento de coleta de dados, a história oral, visando analisar as potencialidades das experiências dos jovens negros gays e como vivenciam a dupla exclusão: homofobia e racismo. O referencial teórico discutirá masculinidades hegemônica com Connel (2013); Masculinidades Negras, a partir de Rastier (2019); Bichas pretas na escola, Meeg Oliveira (2017) e, Pedagogias da sexualidade, Louro (2000). Por tratar-se de uma pesquisa de mestrado na área de educação que se encontra no seu primeiro estágio, não é possível apresentar os resultados, contudo, neste momento da pesquisa, propõe-se uma discussão teórica e o debate, trazendo para o centro essa

parcela da população que é marginalizada, invisibilizada e que o estado e sociedade querem, mas não conseguirão apagar.

**Palavras-chave:** Homofobia, Juventude Negra gay, Racismo, Subjetividades.

## Introdução

**N**o Brasil é impossível negar o duplo preconceito a que negros(as) LGBTQTIA+ são submetidos(as), lutando todos os dias para sobreviver frente ao racismo e preconceito, devido sua orientação sexual. De modo que, enquanto os jovens gays brancos lutam por matrimônio e igualdade, a realidade para a imensa maioria dos negros gays é lutar para continuar a viver.

O presente artigo parte de algumas questões iniciais da pesquisa de mestrado: quais as raízes da dupla exclusão dos jovens negros gays? Quais as experiências na escola para a construção de suas masculinidades e a subjetividade na escola da periferia? De que maneira os jovens gays negros encaram o duplo preconceito?

Depois de séculos de luta do movimento negro organizado, que desde o Zumbi dos Palmares reivindicam acesso a verdadeira democracia, atualmente existe um número razoável de dados para buscar analisar o racismo no âmbito público, contudo, quando a questão é gênero e sexualidade, existem várias dificuldades para a obtenção de números sobre preconceito e violência contra à população LGBTQTIA+, pois as estatísticas são realizadas por ONGs e não por governos, que continuam invisibilizando essa população. Realizar um estudo referentemente a intersecção entre sexualidade e racismo é ainda mais difícil, uma vez que a maior parte dos dados são extraídos do Disque100 e, estes são subnotificados.

O que é possível observar é que “o racismo potencializa a homofobia, da mesma forma que a homofobia turbinava o racismo”. E os jovens negros gays das periferias precisam ser ouvidos e terem espaço de fala para promoverem uma tomada de consciência de que esse grupo existe, resiste e tem direito a educação, trabalho e uma vida digna.

A violência, a evasão escolar e as dificuldades no mercado de trabalho são elementos desafiadores para construção da identidade juvenil negra gays, que encontra uma carga de estigma dura e pesada, pois recaem sobre essa juventude os estereótipos comuns ao segmento jovem, somado ao preconceito por morarem em uma área “vulnerável” socialmente. Os jovens se socializam nesse cenário, encontram nesse contexto barreiras para seu reconhecimento efetivo como sujeitos de direitos pelas instituições que os cercam. Vistos

como “problema”, carregam nas suas trajetórias de vida o peso da intervenção coercitiva dos adultos nas suas perspectivas e decisões.

Embu das Artes faz parte de um dos 39 municípios pertencentes a região metropolitana de São Paulo. A Região Metropolitana de São Paulo - RMSP possui um dos principais polos de indústrias do Brasil, constituído principalmente ao longo da segunda metade do século XX, a metrópole paulistana estruturou um largo território urbano marcado pela precariedade, pobreza, e segregação sócio espaciais convivendo lado a lado com uma pujança produtiva que alavancou o desenvolvimentismo desigual durante o chamado período do milagre brasileiro, no final da década de 1960 e início de 1970. A cidade de Embu das Artes sofre a pressão social de Taboão da Serra a noroeste, de Cotia a norte, noroeste, oeste e sudoeste, Itapeverica da Serra a sul e dos distritos paulistanos de Campo Limpo e Capão Redondo a leste. Esses distritos localizados na periferia sul de São Paulo expandiu-se intensamente de modo precário e violento, impactando diretamente alguns bairros do município.

Embu das Artes tem como divisor geográfico a Rodovia Regis Bittencourt (BR116), onde 20% da população encontram-se próximo ao centro histórico e os outros 80% “do outro lado da BR” como chamamos para falar da periferia, possui cerca de 60% de seu território dentro da área de proteção de mananciais. Nesta divisão encontram-se os grandes bairros mais populosos em que as realidades sociais são cruéis e poucas as opções de acesso, lazer e cultura para a população. A cidade é um berço do turismo, da ecologia, das artes e do artesanato, nos fins de semana recebe por volta de 40 mil turistas, sendo assim um polo de serviços voltados a gastronomia, ao lazer e a cultura. De acordo com o Instituto Brasileiro Geografia e Estatística – IBGE (2010) a população é 240.230 e a estimada em (2017) 267.054 habitantes.

Apesar da melhora dos indicadores sociais no decorrer das últimas décadas, a cidade de Embu das Artes, segue apresentando gritantes desigualdades socioterritoriais, fruto de um padrão de desenvolvimento urbano excludente, orientado pela lógica do mercado, e não pelo bem comum.

Segundo David Harvey (2006, p. 32):

o direito à cidade não é apenas um direito condicional de acesso àquilo que já existe, mas sim um direito ativo de fazer a cidade diferente, de formá-la mais de acordo com nossas necessidades coletivas (por

assim dizer), definir uma maneira alternativa de simplesmente ser humano. Se nosso mundo urbano foi imaginado e feito, então ele pode ser reimaginado e refeito.

Refletir sobre a realidade dos jovens negros e gays da Cidade de Embu das Artes é um desafio, em uma cidade marcada por desigualdades, violências, o desemprego, a falta de acesso a esporte e cultura, a precariedade do ensino público, moradia, trabalho, saúde que afeta toda a população e de modo especial os jovens.

## Jovens negros gays, masculinidades e escola

A pesquisa vem trazer para um campo de estudo essa parcela da população que é marginalizada pela sociedade, buscando suas imbricações identitárias a partir do seu lugar e do seu pertencimento racial. Compreende-se que anunciar uma identidade negra gay é entender essa identidade num movimento de mudança, sendo impactada por múltiplas variáveis, e pensada a partir do seu lugar social. As identidades negras, ou seja, o uso do termo no plural representa melhor a dinâmica desse processo, na medida em que se torna uma construção individual com uma interlocução com a dimensão coletiva.

O contexto social que abriga a maioria dos jovens negros no Brasil são as periferias urbanas. Para Kowarick (2002), em seus estudos sobre periferias urbanas, persiste na sociedade brasileira um imaginário social negativo aos grupos sociais residentes dessas localidades. Esse imaginário social é reforçado por um discurso que traz, como características marcantes, uma mistura de sexos e idades, uma desorganização familiar, moralidade duvidosa, hábitos perniciosos, o que resulta numa representação a partir de uma característica de degenerescência e vadiagem, impondo um determinismo rumo à criminalidade. Para Rivera (2010), em seus estudos sobre religião e desigualdades sociais, em um contexto geral “periferia urbana” se caracteriza pelo quadro de pobreza, como destituição dos meios de sobrevivência física e a insuficiência de renda e de trabalho, a inexistência de infraestrutura física adequada nos locais de moradia. Esse contexto social é a realidade de grande parte da população negra no Brasil, que sobrevive e constrói suas identidades a partir desse contexto. Para os jovens negros inseridos nessa realidade estigmatizada

é atribuída a eles um reconhecimento pautado na negatividade, colocando sobre esse jovem o peso de um estigma social negativo.

A pobreza no Brasil, infelizmente, tem a cor negra, e como endereço, as periferias e favelas. Podemos então concluir que nem todos os pobres do Brasil são negros, mas é fato que a grande maioria dos negros no país é pobre. A juventude negra inserida nessa realidade tem na sua trajetória de vida as marcas da discriminação, preconceito e da exclusão social. O jovem negro se apresenta como grupo frágil nesse contexto, pois carrega os estereótipos de ser negro, jovem e pobre numa localidade que sofre o peso da segregação.

Para Connel (2000; 1997), masculinidades são processos de configurações da prática que não devem ser vistas como equivalentes de homem, pois masculinidades são processos e não grupos de pessoas. Masculinidades são também lugares de privilégio que fazem com que a maioria dos homens recebam dividendos patriarcais com base em uma dita subordinação geral das mulheres. Para ela, existe um regime de gênero no qual existem masculinidades hegemônicas (onde ser branco, heterossexual, rico e ocidental são suas marcas mais visíveis) que estão sobrepostas a masculinidades marginalizadas ou subordinadas (aquelas masculinidades identificáveis entre negros, gays, pobres, não-brancos, transgêneros). Neste modelo, Connel assinala que as masculinidades não são identidades fixas, mas configurações da prática de gênero que devem ser lidas como constructos políticos complexos localizados hierarquicamente em um regime de gênero.

Entretanto, no que tange às masculinidades negras, é possível identificar neste modelo uma insuficiência. Quando percebe as masculinidades negras a partir da masculinidade hegemônica como símbolo do poder patriarcal racial, este modelo pode nos levar a reduzir as leituras sobre: a) as complexidades das subjetividades vividas por homens negros percebidas sobre si mesmos e, b) as múltiplas práticas sociais por eles experienciadas ao suposto status subordinado no interior da estrutura racial dominante e do regime de gênero. Além disto, este modelo negligencia o status real que é conferido à homens negros em um conjunto de outras relações vividas em práticas cotidianas, em espaços de lazer, na interação com familiares, com a comunidade de origem ou mesmo em contextos que valorizem estes sujeitos como indivíduos autônomos (HOOKS, 2004)

No Brasil, não dá para negar o duplo preconceito a que negros LGBTTQIA+ são submetidos, quais seriam, estruturalmente, as razões

que levaram, ou levam, a essa situação? E o que tem sido feito, em termos de mobilização social, para alterar esse quadro? É sobre isso que pretendemos lançar luz.

De que maneira os jovens gays e negros encaram o duplo preconceito. O racismo e a homofobia impactam a trajetória destes sujeitos de que maneira.

Homens negros são vistos como incapazes para articular totalmente e reconhecer a dor das suas vidas. Eles não têm um discurso público nem audiência na sociedade racista que lhes permitam dar voz a sua dor. Infelizmente, os homens negros muitas vezes evocam uma retórica racista que identifica o homem negro como um animal, falando de si mesmos como 'espécies em vias de extinção', como 'primitivos', em sua tentativa de obter o reconhecimento do seu sofrimento [...] Quando os jovens negros adquirem uma poderosa voz e presença pública via produção cultural, como já aconteceu com a explosão da música rap, isso não significa que tenham um veículo que lhes permita articular essa dor (hooks, 1992, p. 35).

Para entendermos como homens negros de diferentes orientações sexuais, de diferentes classe sociais, de distintas orientações políticas, são racializados e masculinizados no contexto brasileiro, precisamos decifrar o que temos chamado de masculinidades negras fora de uma leitura dicotômica entre, por um lado, a oposição mente e corpo que retira sofrimentos, sensibilidades, emocionalidades, interesses, intencionalidades e direcionamentos utilitaristas, contradições e paradoxos e, por outro lado, as vivências reais destes diferentes homens negros, deixando de conceber o que é geral no particular, evitando particularizar o que é geral.

A política gay contrapõe o poder do macho, mas não contrapõe o poder político e econômico brancos. Mesmo no meio acadêmico, onde proliferam estudos sobre cultura negra e relações raciais, em que eminentes autores, em obras fundamentais, reconhecem a desigualdade racial e a situação de inferiorização do negro, este é sobretudo um "objeto" emudecido ou reconhecido nos termos previsíveis desde o senso comum. Em sentido semelhante, Osmundo Pinho (2005) aponta a necessidade de se reconhecer a dimensão racial como estrutural e combiná-la com outras dimensões como gênero e classe e, assim, pluralizar a "experiência homossexual" nas trajetórias afrodescendentes

individuais e coletivas. O autor critica as representações do corpo negro feminino e masculino e, no caso do homem negro gay, enuncia um processo de subalternização. Na ordem racial-sexual naturalizada os destinos das mulheres negras são traçados também pelos estereótipos que acomodam a contradição incorporada em seus corpos e os inscreve no regime nacional de subordinação. O homem negro, entretanto, seria um homem “deficitário” por que vis-à-vis outros homens se emasculam pela subordinação racial a que está submetido. Assim também as próprias masculinidades e posições de sujeito masculinas são racializadas, de modo que não há apenas um homem, mas um homem negro ou branco ou um homem gay ou subsumido pela heterossexualidade compulsória. Homens e mulheres negros(as) construídos(as) pelos discursos de sexo e raça interagem articuladamente às regras do jogo e em um contexto no qual mais poder significa mais masculinidade e sua ausência feminilização, na medida em que masculinidade é uma metáfora para o poder e vice-versa.

As diferenças no acesso e permanência na escola têm contribuído para que negros e negras se mantenham em desvantagem nos diferentes aspectos de suas vidas, quer seja no mercado de trabalho ou nos demais direitos básicos como saúde, habitação, saneamento, segurança, alimentação, lazer, etc. Dessa maneira, não é mais possível negar que o sistema educacional brasileiro é excludente.

Uma escola pouco sensível ao diferente segrega, nas suas relações cotidianas, os jovens que não se enquadram ao seu modelo idealizado. Estigmatizados, esses(as) alunos(as) são classificados como desinteressados(as), indisciplinados(as) e violentos(as); são aglutinados nas últimas turmas da escola, como mecanismo para não contaminar os outros(as) estudantes. É atribuída ao próprio jovem uma incapacidade de aprender e de atingir as metas estabelecidas, não sendo reconhecido o conhecimento que esse(a) aluno(a) traz dos espaços extraescolares, sendo marcado, em sua trajetória, pela incompetência e incapacidade de gerir o conhecimento formal. É imputada ao estudante uma representação negativa, como oriundo de uma família desestruturada, de extrema pobreza e de um convívio com um quadro de violência. O próprio espaço escolar omite que muitos desses meninos e meninas são frutos do fracasso da escola, em sua incapacidade de instrumentalizar e ressignificar suas metodologias, num processo de abertura para o novo, pautada no sujeito concreto. A escola é,

portanto um reflexo da sociedade, reproduzindo e construindo, em suas relações cotidianas, esse quadro de desigualdade.

Podemos apontar que o jovem negro na sociedade brasileira ocupa uma posição delicada, pois é enquadrado em um imaginário estereotipado, de potencial para transgressão e de problema social.

Homem, negro, com idade entre 15 e 29 anos, esta é a descrição das principais vítimas de violência no Brasil. Esse fenômeno é consequência como já foi dito, de diversos fatores, desde uma estrutura social racista que não reconhece o negro como cidadão ativo, em função de uma trajetória histórica, pautada na desigualdade racial, que o elevou à condição de “coisa” e, por consequência, à sua destituição como pessoa humana, buscando em pareceres científicos, uma justificativa para essa desigualdade. Por outro lado, a persistência, na sociedade brasileira, de um imaginário a partir da “democracia racial”, colocando-a como uma sociedade miscigenada, oculta a existência do racismo. Na prática cotidiana é explícita a condição de tratamento e reconhecimento diferenciado à população e aos jovens negros na sociedade brasileira, pautada pela discriminação, preconceito e racismo.

## Metodologia

Considerando que os objetivos desta pesquisa se destinam à estudar as masculinidades negras gays a partir da história de vida dos jovens da periferia da cidade de Embu das Artes, analisando suas trajetórias e a construção das identidades, tem-se como abordagem a perspectiva qualitativa.

Justamente por se tratar de uma pesquisa social, chegou-se a esta escolha metodológica, considerando-a como aquela mais adequada à questão de pesquisa e, portanto, como uma das possibilidades de abrangência da prática social. É importante destacar que, ao optar pelos pontos de vista qualitativos, refere-se a ação social dos jovens estudantes, entendendo-a como “a capacidade dos atores de construir o sentido da ação no interior das redes de relações que permitem partilhar a produção de significados.” (MELUCCI, 2005, p. 40)

O trabalho segue orientação metodológica, pautada pelas técnicas de observação participante, grupos de discussão e entrevistas dialogais e individuais, todas registradas em caderno de campo e gravação eletrônica, respectivamente. Também se fará uso de recursos

fotográficos e filmagens como forma de capturar os sentidos desses processos.

## Referencial teórico

Os estudos feitos no Brasil sobre masculinidades negras, corporalidade, estereótipos sexuais, sexualidade e a “produção de subjetividades de jovens homens negros” determinadas pela violência (PINHO, 2004), masculinidades negras, exacerbação sexual e potência corporal, acesso e não-acesso ao poder patriarcal e estereótipos raciais (FAUSTINO, 2014), hip-hop, afirmação identitária, auto-defesa política, violência policial racial, pobreza econômica no espaço urbano e emasculação (ROSA, 2006; SILVA, 2012) ajudam a delinear um campo de pesquisas crescente, constituindo caminhos conceituais e/ou temáticos significativos e produtivos para a elaboração de estudos e pesquisas sobre o tema homens e masculinidades negras.

Porém, esta crítica sobre masculinidades e homens negros povoa outros olhares quando inflexionam este quadro de discussão a partir do “sobre si mesmo” em experiências relacionais que (re)produzem elementos políticos envolvidos na constituição dessas masculinidades.

Ao lado desse referencial, também far-se-á usos das pesquisas de Marília Pinto de Carvalho (2003), que por meio de pesquisa qualitativa e observações diretas de práticas escolares cotidianas, identificaram processos relacionais e práticas sociais que ajudam a entender porque homens negros têm ocupado as piores índices de desempenho escolar.

## Resultados e discussão

Segundo Ratts (2006) nos estudos lésbicos e gays, a racialização dos relacionamentos afetivo-sexuais entre pessoas negras e/ou brancas é pouco focalizada, algo como um tabu dentro de um tabu. Porém, esse e outros discursos permeiam as vidas e não estão prontos, são falas, silêncios, gestos, desejos, práticas que pesquisadoras/es e ativas constroem como representações.

Segundo Pinho (2004) antes de tudo, o homem negro é representado como um corpo negro, o seu próprio corpo. Paradoxalmente, esse corpo é configurado de forma alienada, como se fosse separado da autoconsciência do negro. O corpo negro é outro corpo, lógica e

historicamente deslocado de seu centro. Como suporte ativo para a identidade, é o lugar de uma batalha pela reapropriação de si do negro como uma reinvenção do *self* negro e de seu lugar na história. Uma reapropriação do corpo como plataforma ou base política revolucionária. Ora, essa base é contraditória porque tem sido definida pelas discursividades racializantes ou puramente racistas que justamente aprisionam o negro na “geografia da pele e da cor”. Ser negro é ser o corpo negro, que emergiu simbolicamente na história como o corpo para o outro, o branco dominante. Assim, o corpo negro masculino é fundamentalmente corpo-para-o-trabalho e corpo sexuado. Está, desse modo, decomposto ou fragmentado em partes: a pele; as marcas corporais da raça (cabelo, feições, odores); os músculos ou força física; o sexo, genitalizado dimorficamente como o pênis, símbolo falocrático do plus de sensualidade que o negro representaria e que, ironicamente, significa sua recondução ao reino dos fetiches animados pelo olhar branco.

## Considerações

Como citado anteriormente, compreende-se que anunciar uma identidade negra gay é entender essa identidade num movimento de mudança, sendo impactada por múltiplas variáveis, e pensada a partir do seu lugar social. As identidades negras, ou seja, o uso do termo no plural representa melhor a dinâmica desse processo, na medida em que se torna uma construção individual com uma interlocução com a dimensão coletiva.

Ainda paira sobre opinião pública que o racismo, prática discriminatória que tem como objetivo colocar grupos e/ou indivíduos em situações de desigualdade, se manifeste individualmente, acontecendo apenas nas dimensões interpessoais. A realidade histórica brasileira demonstra não se trata de uma questão restrita à dimensão individual. Historicamente, o povo negro ocupa uma condição de vida muito desigual em relação às pessoas brancas. Mesmo quando essa realidade é de brancos e pobres, em geral, as/os negras/os e pobres se encontram em situação de desvantagem. Os motivos da desigualdade social no Brasil não dizem respeito apenas a questões socioeconômicas, mas passam por elementos das dimensões socioculturais e étnico-raciais.

Para enfrentar o problema do racismo é preciso que o Estado e a sociedade brasileira reconheçam as estruturas e relações sociais que o produzem, especialmente na sua forma institucionalizada. As alarmantes taxas de mortalidade da juventude negra são resultado de uma série de outras violências sofridas por esse segmento, provocadas principalmente pelo Estado, que não é capaz de oferecer acesso igualitário, entre negras/os e brancas/os, às políticas e aos serviços sociais.

Diante desse contexto de desigualdade social e racismo os jovens negros das periferias urbanas constroem suas identidades e precisam ser vistos em suas diferenças, com direito a liberdade de exercerem suas sexualidades, sem viverem o medo constante de não voltar pra casa em virtude da violência estrutural do país, com um estado e sociedade que invisibilizam a população negra e gay.

## Referências

CARVALHO Marília .P. Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.29, n.1p.185-193, jan./jun. 2003.

FAUSTINO, Deivison. F. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva. A. (org.). **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 75-104, 2014.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Ed. Loyola, 2ª edição, 2006a (tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves).

KOWARICK, L. **Viver em risco: sobre a vulnerabilidade no Brasil urbano**. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n.63,Jul. 2002.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu**. São Leopoldo: Ed. Da Unisinos, 2004.

OLIVEIRA. Megg .R.G. **O diabo em forma de gente: (R)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? **Revista Democracia Viva**. n. 22, p. 64-69, jun /jul 2004.

RATTS, Alex. Uma escrita negra, masculina, gay e especialmente situada: a obra de James Baldwin. Comunicação apresentada na **III Reunião da Associação Brasileira de Estudos Homoeróticos**, realizada em Belo Horizonte, na UFMG, de 5 a 7 de julho de 2006, 14p. (mimeo).

RESTIER. Henrique.: SOUZA Rolf .M. **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Continuo, 2019.

RIVERA, Dario Paulo Barrera. **Religião e Desigualdades Sociais no município de São Bernardo do Campo: Estudo comparativo de grupos evangélicos em dois bairros de condições sociais e econômicas opostas**. In: RIVERA, D.P. Barrera. (org). *Evangélicos e periferias urbanas em São Paulo e Rio de Janeiro: Estudos de Sociologia e Antropologia Urbana*. 1.ed. – Curitiba, PR:CRV, 2012. P.17-64.

ROSA, Waldemir. Observando uma masculinidade subalterna: homens negros em uma democracia racial. *In*: Seminário Internacional Fazendo Gênero VII – Gênero e Preconceitos, 2006, Florianópolis. **Anais Fazendo Gênero VII**. Florianópolis: Mulheres, v. 1. p. 1-7, 2006.

SILVA JUNIOR, Paulo.M.; BRITO, Leandro.T. Masculinidades performativas no contexto escolar: entre regulações, tensões e regulações. **Askesis**, São Carlos, v.7, n 1, p. 26-38, 2012.